

4

Análise do *corpus*

Nosso objetivo nesse trabalho é identificar os espaços limítrofes existentes na cultura brasileira; nem situados na casa, nem na rua de DaMatta (DaMatta, 1984; 1987), mas, antes, espaços “marginais”, nos quais casa e rua parecem tocar-se, criando um terceiro espaço, o qual contempla características da casa e da rua.

Buscamos diálogos em situações que simulam interações reais entre colegas de trabalho, com o objetivo de entender, lingüisticamente, como se dá essa mudança de enfoque nas relações; ou seja, quando relações que são próprias do mundo da rua (relações mais duras, caracterizadas por pouca intimidade, raras demonstrações de emotividade, luta pelo pão de cada dia) podem ser lidas através do código da casa (relações caracterizadas pela afetividade, intimidade, informalidade, consideração).

Através da observação e transcrição dos diálogos do seriado *Os Aspones*, levantamos um conjunto de espaços limítrofes nos quais ocorrem as mudanças de enfoque das relações, ou seja, o íntimo e pessoal é escolhido em detrimento do formal. Dividimos, então, em quatro grupos os eventos relevantes para o fenômeno que estamos pesquisando: espaços físicos, eventos, relações inter-pessoais e expressões verbais.

No *corpus* analisado encontramos, no primeiro grupo, espaços físicos que delimitam a existência, no ambiente de trabalho, de relações caracterizadas por maior intimidade e proximidade (Cf. 2.2.3) , ou seja, são locais bem marcados espacialmente que propiciam o surgimento dos espaços sociais limítrofes que buscamos definir nessa pesquisa. Tais espaços físicos incluem o cantinho do café, o banheiro, o carro e o quadro de avisos.

O segundo grupo abrange os eventos tidos como limítrofes, uma vez que tais eventos servem como “gatilho” para o desencadeamento de interações que ficam situadas entre o formalismo do ambiente de trabalho e a informalidade (Cf. 2.2.4.) das relações pessoais,

entre amigos e familiares. Os eventos encontrados no *corpus* incluem o almoço entre colegas de trabalho, as festas de fim de ano, bem como reuniões, seminários e *workshops*.

O terceiro grupo encontrado, o das relações inter-pessoais, traz um leque de interações vividas no ambiente de trabalho que poderia muito bem estar retratando interações entre amigos ou familiares, uma vez que os interactantes usufruem de intimidade suficiente para envolver-se na vida pessoal uns dos outros. Detectamos nessas interações o que DaMatta chamou de “institucionalização do intermediário” (DaMatta, 1993:146-148), uma vez que tal tipo de sistema social valoriza as *relações* que se estabelecem entre amigos e familiares em detrimento da lógica rígida própria do espaço da rua, caracterizada, exatamente pela individualização e pelo anonimato (DaMatta, 1997:59). As relações inter-pessoais analisadas nesse trabalho incluem o “jeitinho”, o ter um “caso”, a exposição de detalhes da vida íntima e familiar, o contato físico, “fofoca”, a intimidade excessiva entre colegas de trabalho, a relação ambígua entre amigos e colegas de trabalho, além do chefe que exige ser tratado como um igual.

O quarto e último grupo tem a ver com as expressões verbais que encerram a existência de relações sociais limítrofes no ambiente de trabalho analisado e é caracterizado por coloquialismos, gírias e linguagem chula usados num ambiente no qual a norma deveria ser de uma maior moderação e elaboração da linguagem.

4.1

Espaços físicos

Enxergamos como espaços físicos limítrofes o que DaMatta chamou de “espaços marginais da casa” (DaMatta, 1987:56); isto é, são os espaços que fazem a conexão literal entre a casa e a rua, representados pelas janelas, varandas, áreas de serviço.

No *corpus* analisado, foram encontrados espaços físicos que podem ser chamados de limítrofes, uma vez que nesses espaços casa e rua se tocam e não podem ser definidos em termos claros. Nesses espaços, o comportamento adotado pelos interactantes deixa de

seguir o “padrão” da rua, de maior distanciamento e formalidade (DaMatta, 1984:29), para dar lugar a formas de interação que denotam um comportamento próprio da casa, de mais intimidade e afetividade (ibid:27).

Portanto, tais espaços, que são efetivamente situados na rua, ou melhor dizendo no ambiente de trabalho, em alguns momentos dão lugar à existência de relações que são próprias da casa, ou seja, relações entre amigos e familiares.

Os exemplos encontrados nos dados analisados incluem: o “cantinho do café”, o “banheiro”, o “carro” e o “quadro de avisos” como vemos a seguir.

4.1.1

Cantinho do café

O cantinho do café (Cf. diálogo 8) é o local onde os interactantes participam de conversas ou “papos” mais descontraídos; ou seja, nesse local o espaço profissional é tornado, mesmo que por alguns instantes, um espaço de intimidade, no qual assuntos de ordem pessoal vêm à tona.

A própria escolha do termo “cantinho”, no diminutivo, é um indício da descaracterização do ambiente de trabalho, ou seja, uma opção por uma atmosfera mais familiar, mais emotiva. O cantinho é o local onde as relações duras da rua são trocadas por relações mais afetuosas, de amizade (Holanda 1985:148). O cantinho também é o local para resolver “probleminhas” de relacionamento, um eufemismo que denota uma atitude de maior intimidade e afetividade (Cf. 2.3.) entre os falantes.

Tal demonstração de intimidade pode ser observada como exemplificado em Ex1/D8¹ abaixo, no qual o chefe institui o “cantinho do café” como espaço neutro do escritório, onde os funcionários podem levar “papos mais descontraídos” ou ter um “plá” com o chefe.

¹ Exemplo 1, diálogo 8.

Ex1/D8

Tales Onde é que fica o **cantinho de vocês?**

Anete **Cantinho da gente?**

Tales É, onde é que vocês levam aqueles **papos mais tipo, descontraídos**, tipo cantinho do café, bebedouro?

Ao instituir a existência de tal espaço mais “informal” e “íntimo”, Tales está abrindo a possibilidade de existência de um espaço que fica no limite entre a casa e a rua, pois o local de trabalho admite uma área onde é possível tratar de assuntos íntimos, o que, definitivamente não faz parte das relações da rua, chamada por DaMatta de “selva” e caracterizada pela “luta” (DaMatta, 1984:31).

Também é digno de nota o fato de que no “cantinho” as relações de assimetria de poder são eliminadas, como podemos observar no desenrolar do diálogo acima (Cf. diálogo 8), quando chefe e funcionários se abraçam e se beijam, numa clara demonstração de afeto e intimidade, característicos da cultura brasileira (Wierzbicka, 1991:109; Goslim, 1998:32-34). Podemos constatar, portanto, que é exatamente pelo fato de esse espaço encerrar um tipo de relação que foge aos padrões da rua que ele pode ser classificado como limítrofe.

Além de servir de espaço para reuniões, o “cantinho” é cenário de conversas que, invariavelmente têm conotação sexual. Alguns exemplos extraídos dos diálogos transcritos incluem: baixaria no trabalho (Cf. diálogo 18), boatos sobre a vida íntima alheia (Cf. diálogos 31 e 32) e abuso sexual, conforme ilustrado pelo exemplo Ex2/D29 a seguir:

Ex2/D29

Anete ((Entrando na sala de Tales)) Dá licença, desculpa interromper, **Tales, eu quero dar um plá com você, pode ser? Lá no cantinho.**

((Tales e Anete já no cantinho))

- Anete **É um assunto um bocado delicado**, eu nem sei por onde começar, na verdade eu...
- Anete **Eu fui molestada sexualmente.**
- Tales Quando você era criança?
- Anete Não, há vinte minutos atrás.
- Tales O quê, há vinte minutos atrás? Meu Deus, o que que é isso?
- Anete **Foi horrível, eu tou super abalada.**

Portanto, esse espaço físico representado pelo cantinho do café serve como palco para ações que, se colocadas num *continuum*, estão mais próximas das relações próprias do mundo da casa do que para as relações do mundo da rua propriamente, servindo como um espaço limítrofe dentro do ambiente de trabalho, pois, como podemos observar nos diálogos citados, toda vez que é acionado o gatilho “*Eu queria ter um plá com você, lá no cantinho*” o enfoque das relações muda e o íntimo e pessoal passam a ser o padrão interacional.

4.1.2

Banheiro

O banheiro aparece como o local preferido para se falar mal dos outros, local onde geralmente são gerados os boatos. Além de servir de palco para aventuras sexuais e amorosas entre colegas de trabalho, comportamento, diríamos, pouco condizente com o ambiente de trabalho.

É no banheiro que Anete e Tales ficam de “pegação” (Cf. diálogo 42), atividade que segundo o dicionário Houaiss significa bolinação, esfregação (Houaiss, 2005). Também é nesse espaço que muitos boatos são gerados, inclusive o caso entre Leda e Tales, conforme ilustrado pelo exemplo Ex3/D14 abaixo, no qual Anete e Moira estão fofocando no banheiro, falando mal do chefe e da estagiária. Interessante notar a expressão linguística “meu bem” utilizada por Moira, possivelmente numa tentativa de estabelecer uma relação de maior informalidade (Cf.2.2.4.) e afiliação junto à sua interlocutora, uma vez que o

rótulo informalidade está freqüentemente associado a uma atitude de familiaridade, amizade e igualdade (Wierzbicka, 1991:111), ou seja, sentimentos relacionados ao espaço da casa.

Ex3/D14

Moira Eu sei porque ele quer me botar pra fora, pra poder contratar essa estagiária velha dele.

Anete Pode ser, porque eu acho que ali rola.

Moira **Claro que rola, e rolará quando ele quiser, meu bem, eu conheço esse tipo de carreirista ((risos))**

Anete Faz de tudo, né?

Moira De tudo.

No banheiro também ocorre a invasão da vida íntima de colegas de trabalho, como podemos observar nos diálogos que envolvem os personagens Tales (chefe) e Caio (subordinado). O chefe aproveita tais momentos de maior intimidade entre colegas de trabalho para fazer questionamentos sobre a vida familiar e sexual de Caio, conforme podemos visualizar no exemplo Ex4/D26 a seguir:

Ex4/D26

Tales E aí, sabe o que eu tava pensando? Todo lugar que eu trabalho tem um cara que faz uma higiene bucal completa, passa fio dental, passa negócio de anti-séptico.

Caio É que eu não quero usar dentadura. Todos os velhos da minha família usam dentadura.

Tales **Fala mais pra mim disso, eu fico curioso em saber, assim da família dos funcionários, eu quero saber.**

É também digno de nota o fato de que, em relações caracterizadas por assimetria de poder, o interactante de maior poder tem sempre a prerrogativa para “invadir” a intimidade do

outro, o que nos remete ao conceito de variáveis sociais de Brown & Levinson (Brown & Levinson, 1987: 74-84) no qual os autores estabelecem o peso de um ato de ameaça a face através das variáveis poder relativo, distância e risco. No caso analisado, nesse exemplo, Tales, como chefe, detém maior poder em relação ao seu funcionário e o risco torna-se pequeno para um ato de ameaça à sua face negativa, ou desejo de não sofrer imposição. O mesmo não seria válido para Caio, pois o funcionário detém menos poder em relação ao seu chefe e o risco, nesse caso de ameaça a face, torna-se grande.

Como exemplificado nos diálogos supracitados o espaço físico do banheiro de um escritório, nesse contexto específico, aparece associado a uma postura de informalidade e intimidade entre colegas de trabalho, algo que enxergamos como limítrofe, uma vez que o espaço da rua é um espaço caracterizado pelo distanciamento entre interactantes (DaMatta, 1984:29).

4.1.3

Carro

Outro espaço físico que funciona como espaço limítrofe encontrado na nossa análise é o espaço caracterizado pelas ocasiões em que a estagiária dá carona ao chefe, pois os temas abordados não contemplam o profissional, uma vez que na maioria das vezes as conversas são bastante descontraídas, até mesmo de natureza íntima (leia-se sexual). Como podemos observar no exemplo Ex5/D25, a seguir:

Ex5/D25

Leda **Impressionante como as pessoas só pensam em sexo**, é uma loucura. ((risos))

Tales Como é que você sabe que eu tava pensando nisso?

Leda Você tava? Não, eu não tou falando de você não.

Porém, nem sempre a intimidade nesse tipo de interação apresentada é de natureza sexual, pois observamos em Ex6/D3 um exemplo de invasão da vida pessoal do outro, uma vez que o chefe indiretamente questiona a competência de Leda, quando diz que ela é velha demais para ainda ser estagiária.

Ex6/D3

Leda Meu pai comprou esse carro num daqueles leilões que o Collor fez de Opalas pretos...

Tales Ah, eu imaginei, né? **Você com carro, uma estagiária com carro...**

Leda Esse carro é meu, meu pai já morreu. **Eu não sou uma estagiária, eu estou uma estagiária...**

Tales **Sei, é completamente diferente...**

Leda **Completamente diferente, sim. Eu já estou muito velha para ser uma estagiária.** Eu estou uma estagiária porque eu resolvi optar por uma carreira na área pública, mas eu venho de uma carreira muito bem sucedida na privada.

Enxergamos tal invasão da vida pessoal do outro como uma demonstração de excessiva intimidade (Cf. 2.2.3.) entre os participantes da interação, uma vez que, segundo Wierzbicka, a intimidade está relacionada à confiança e bons sentimentos nutridos pelo interlocutor (Wierzbicka, 1991:105).

Qual o nível de confiança e bons sentimentos existentes entre um chefe e sua recém-contratada estagiária? Possivelmente, tais demonstrações de intimidade podem ser vistas como invasão da vida pessoal e não como verdadeiras demonstrações de apreço e afeto.

De qualquer forma, sentimentos dessa natureza não fazem parte do que DaMatta chamou de espaço da rua, antes, são sentimentos típicos do espaço caracterizado pela casa e suas relações de amizade, funcionando, portanto, nesse contexto como um espaço físico limítrofe.

4.1.4

Quadro de avisos

O quadro de avisos traz sempre memorandos de duplo sentido, invariavelmente com conotação sexual. Enunciados contendo expressões do tipo “pal. sob. sexual loc. fica. agora” (Cf. diálogo 10) e “to. afim. de. checa.” (Cf. diálogo 13) ilustram bem esse ponto. Nesse caso, o elemento humorístico deve ser levado em consideração, obviamente, mas é de relevância acrescentar que o brasileiro não perde o mote para uma piada, quer seja em ambientes mais descontraídos, entre amigos, quer seja no ambiente mais rígido do trabalho. Recuperemos o contexto em Ex7/D13 abaixo:

Ex7/D13

Anete	A gente ainda não se adaptou á revolução da simplicidade que é a comunicação pelos memorandos.
Leda	Eu já me adaptei, olha, “to afim de checa” ... To ponto, afim ponto, checa ponto. Quer dizer “todos afinal devidamente checados” ((risos)). Checados. ((referindo-se a Tales)) Culpa sua, esse negócio de subconsciente aí.

Tais memorandos apelam para o elemento humorístico, pois abrem a possibilidade de atribuir duplo sentido a um significado literal ambíguo, sem o devido comprometimento com o que realmente está sendo dito implicitamente, de maneira irônica (Borges, 2002: 35,36).

4.2

Eventos

No *corpus* analisado encontramos eventos nos quais o comportamento adotado entre colegas de trabalho foge do *frame* do espaço da rua, pois aponta para relações de maior intimidade e informalidade. Nessas ocasiões, as relações são “afrouxadas” e os assuntos tornam-se mais descontraídos, abolindo-se quase que completamente qualquer assunto

referente ao ambiente de trabalho, uma vez que na cultura brasileira o estabelecimento de relações é mais importante que o desenvolvimento do trabalho em si (Oliveira, 2001:30). Nos dados listados nesse trabalho encontramos como eventos definidores de espaços limítrofes as “reuniões, seminários e *workshops*”, o “almoço” entre colegas de trabalho, além da “festa de fim de ano”, como exemplificados a seguir.

4.2.1

Reuniões, seminários e *workshops*

As reuniões, seminários e *workshops* trazem temas pouco ortodoxos para um ambiente de trabalho, como exemplo, citamos a palestra sobre “abuso sexual no trabalho” (Cf. diálogo 11); a Preleção de Último Momento, ou P.U.M., seminário que institui o FMDO como “Falar Mal Dos Outros” (Cf. diálogo 20); além do “seminário motivacional como se xingar *workshop*”, conforme exemplificado por Ex8/D24 a seguir.

Ex8/D24

Anete ((Ao telefone com Moira)) Oi, **memorando**, o que que diz?

Moira **Todos s tracinho m como sex shop**, falando sério. Todos s tracinho m como sex shop. Ele falou que é pra fazer tipo de um teatrinho.

Anete **SM? S tracinho m?**

Caio **Abreviatura de sadomasoquista.**

Tais convocações vêm sempre em forma de memorando no quadro de avisos e causam muito alvoroço, pois as siglas, invariavelmente, são frases de duplo sentido. O ambiente de trabalho, caracterizado pela luta e competitividade e concebido como castigo em nossa cultura, um verdadeiro “horror” (DaMatta, 1984:31) é transformado em algo menos rígido e mais bem-humorado através da instituição de mais um espaço limítrofe que busca a liberação do estresse e a aproximação dos colegas de trabalho através do humor e do riso, ativado através de certos gatilhos (Borges, 2002:31-33), nesse caso os enunciados dotados

de duplo sentido e com conotação sexual, uma vez que o riso é usado para modificar expressões verbais ou atitudes e pode ajudar a lidar com ambigüidades e tensão (Adelsward, 1989: 108).

4.2.2

Almoço

O almoço entre colegas de trabalho é visto como oportunidade para socializar, uma vez que, normalmente, na cultura brasileira assuntos de trabalho não são discutidos durante as refeições, ocasiões tidas como mais descontraídas (Oliveira, 2001:56). Tópicos que refletem interesses da vida pessoal e familiar, além de fofocas sobre a vida íntima dos próprios colegas de trabalho são temas recorrentes. Porém, um assunto que parece ser de interesse especial nessas ocasiões é “falar mal do chefe” (Cf. diálogo 22), algo que só é possível graças à característica presente na cultura brasileira a qual dita que colegas de trabalho de níveis hierárquicos muito diferentes normalmente não almoçam juntos (Harrison, 1983:76), conforme podemos observar no exemplo Ex9/D22.

Ex9/D22

Moira E eu voto pra quem pagar pra mim que os meus *tickets* acabaram. ((silêncio)) Gente e o Teles?

Caio Tales.

Moira Nós convidamos ele para almoçar com a gente, legal, ou nós simplesmente saímos?

Caio Simplesmente saímos. **Almoço com chefe é azia na certa.**

Anete **Acaba com o principal divertimento do almoço, que é falar mal do chefe.**

Na verdade, tecer comentários sobre a vida alheia é uma atividade muito corriqueira na cultura brasileira. O grau de intimidade (Cf.2.2.3.) é tanto que colegas de trabalho e vizinhos acham-se no direito de dar palpites sobre a vida dos outros, numa atitude que parece significar que as portas da casa estão “escancaradas” para qualquer um. E como

salientado por Wierzbicka, quando os interactantes desfrutam tal nível de intimidade há uma tendência a maior sinceridade, o que pode ser um obstáculo para a harmonia conversacional (Wierzbicka, 1991: 113-115).

4.2.3

Festa de fim de ano

Ocasões propícias para os funcionários se excederem ou “perderem a linha”, que segundo definição do dicionário Houaiss é o mesmo que “perder a compostura” (Houaiss, 2005), comportando-se de maneira mais informal do que o esperado nas interações diárias, como observado em Ex10/D43.

Ex10/D43

Tales Pra acalmar a ansiedade da equipe, né? **Agora só tem que tomar cuidado com esses funcionários que bebem demais e ficam querendo ser sinceros**, sabe do que eu tou falando, né? Agora eu vou te falar uma coisa, **nessas festas de final de ano, cara, a mulherada pira**. Agora vou te falar uma coisa, você come gente que nem cumprimentava no corredor. É a tua chance de provar que não é gay, né.

Nessas ocasiões, os funcionários comportam-se de maneira mais informal do que o exigido nas interações diárias, até porque as normas de comportamento num ambiente de festa são mais frouxas do que nas interações de trabalho propriamente ditas. Um outro fator salientado por Tales é o efeito do álcool no comportamento dos funcionários, algo que pode trazer graves conseqüências para a harmonia conversacional, uma vez que a sinceridade será praticada com mais frequência (Wierzbicka, 1991: 110). Sob o efeito do álcool, colegas de trabalho aproveitam a oportunidade para “desabafar” suas angústias e anseios reprimidos durante o resto do ano, falar mal dos seus desafetos e até mesmo tentar uma aproximação do seu objeto de desejo inacessível durante a maior parte do tempo.

Por esses motivos, ao analisar os dados transcritos, chegamos à conclusão que o evento festa de fim de ano representa um espaço limítrofe, mesmo que pontual, no ambiente de trabalho representado pelo seriado *Os Aspones*.

4.3

Relações inter-pessoais

As relações entre colegas de trabalho encontradas no ambiente de trabalho analisado em *Os Aspones* possuem características que DaMatta chama de “institucionalização do intermediário” (DaMatta, 1993:146, 148), ou seja, o sistema brasileiro é um sistema que opera não por meio de uma lógica dualista rígida, antes, funciona com base em mediações, através de um sistema ambíguo e relacional. E essas relações ambíguas podem ser encontradas em vários aspectos da sociedade, como ocorre com as relações de amizade e compadrio, do “jeitinho” e o “sabe com quem está falando?” (Cf.2.1.2.), da situação ambígua de se ter um “caso” extraconjugal, do excesso de intimidade mesmo entre quase estranhos e por aí em diante: relações que caracterizam os espaços sociais limítrofes que encontramos na nossa análise de dados.

4.3.1

O “jeitinho”

O famoso “jeitinho” (DaMatta, 1984:97), ou modo de navegação social que permite conciliar o “pode” com o “não pode” está aqui presente através da expressão “quebrar o galho”, conforme podemos constatar em Ex11/D21 abaixo. O “jeitinho” e o “sabe com quem está falando?” são dois modos de burlar as regras do jogo desigual vigente em sociedades altamente hierarquizadas e relacionais como é o caso da sociedade brasileira, uma vez que o mais importante não é o que uma pessoa sabe ou quem ela é, mas *quem* ela conhece, o famoso Q.I., ou quem indica (Oliveira, 2001:17).

Ex11/D21

Leda Sr. Rogério, pera aí, **eu acho que dá pra quebrar o seu galho**, esquece esse protocolo, tá bom?

Percebemos, então, que é através do jeitinho, aqui representado pela expressão “quebrar o galho”, que o brasileiro faz a mediação entre o pessoal e o oficial (DaMatta, 1984:99).

Encontramos também o “sabe com quem está falando?” como uma alternativa ao jeitinho, porém muito mais direto e antipático, pois implica uma autoridade que reivindica seus direitos e reafirma as desigualdades sociais e a hierarquia existentes na cultura brasileira. Encontramos um exemplo em Ex12/D1, no qual Leda apresenta-se ao seu novo chefe como “afilhada do doutor Ari”.

Ex12/D1

Leda **Eu sou::: afilhada do doutor Ari...**

Tales Qual, Nogueira?

Leda Não, Fontes. Eu sou afilhada dele e:: ele trabalhou como chefe de gabinete do doutor Léo.

Nesse caso entendemos que por ainda não ser reconhecida como alguém de importância no funcionalismo público, a recém-contratada estagiária associa sua imagem a de seu suposto “padrinho” numa tentativa de ser aceita e respeitada na sua nova função.

Quando nos referimos ao “jeitinho” e ao “sabe com quem está falando”, os associamos sempre à figura do “malandro” (Cf.2.1.2.), ou seja, aquele indivíduo que busca levar vantagem em tudo, porém, não podemos deixar de citar seu contraponto, o “caxias”, o indivíduo observador das normas, leis e bons costumes (DaMatta, 1997:268) que também

aparece representado nos dados analisados, conforme podemos observar em Ex13/D13 a seguir.

Ex13/D13

Tales ((Olhando para o relógio)) Não, falando sério, isso é revoltante, **mas eu falei que eu sou super caxias com horário**, todo mundo atrasado, isso é desrespeito, gente... Eu não posso começar o meu segundo dia dando esporro, vai acabar com a minha imagem de chefe gente fina.

Assim, enquanto o FMDO comporta a prática do “jeitinho” e do “sabe com quem está falando”, como relações inter-pessoais limítrofes, também admite a existência do chefe “certinho”, “careta” e “quadrado”, aquele que age burocraticamente e está sempre preocupado com a ordem social, logo um representante e defensor da manutenção da rua e da casa em seus lugares distintos, não praticando em suas relações, portanto, a transposição do espaço da casa para a rua, ou a existência de espaços sociais limítrofes.

4.3.2

Ter um “caso”

Segundo definição do dicionário Houaiss, ter um “caso” é o equivalente a viver uma “relação amorosa clandestina” (Houaiss, 2005). No imaginário coletivo existe o estereótipo do chefe tendo um caso com secretária ou estagiária, porém em muitas empresas o relacionamento entre colegas de trabalho é desestimulado ou até mesmo proibido.

Nos dados analisados, encontramos exemplos de “casos” entre colegas de trabalho, ou entre chefe e empregado, ou seja, um tipo de relação que nem é pessoal, como o casamento, nem profissional, como simplesmente um relacionamento de trabalho. O ter um “caso”, como descrito por DaMatta, caracteriza a “institucionalização do intermediário” no sistema sexual da sociedade brasileira (DaMatta, 1993:147).

Toda a trama do seriado gira em torno de casos, imaginários ou reais, que colegas de trabalho estão tendo. Os exemplos são vastos, citamos Ex14/D6.

Ex14/D6

Tales Esse funcionalismo tá um antro de víboras, aposto que eles tão conspirando ali pra puxar o meu tapete.

Leda Não, acho que não, acho que eles tão falando de mim, eles devem tá dizendo: **"ah, ela cai de boca atrás da mesa dele"**.

Também digno de nota é o exemplo Ex15/D32, no qual Anete conta a Tales sobre os boatos sobre o suposto caso que os dois estariam tendo.

Ex15/D32

Anete **Brasília inteira está comentando que nós dois estamos tendo um caso**, com detalhes sórdidos inclusive.

Várias outras situações do tipo aparecem nos dados, tais como: "ali rola" (Cf. diálogo 14); "eles acham que a gente saiu pra transar" (Cf. diálogos 23 e 25); "eu vi os dois com a boca na botija" (Cf. diálogo 31) e "vocês realmente tão tendo um caso" (Cf. diálogo 41).

4.3.3

Intimidade excessiva

No ambiente de trabalho representado nesse estudo, os colegas de trabalho são mais do que apenas colegas, pois desfrutam de um nível de intimidade e proximidade que se confunde com relações mais próximas, como entre amigos ou familiares, por exemplo. Os colegas sabem detalhes bastante peculiares sobre as vidas uns dos outros, o que, obviamente, não é compatível com o tipo de relação esperado entre simples colegas de trabalho. Alguns

exemplos encontrados no seriado: fofoca, boato, invasão da privacidade alheia e exposição de detalhes da vida íntima, inclusive sexual.

Segundo Wierzbicka, intimidade implica proximidade (Wierzbicka, 1991: 108) e está associada a bons sentimentos que temos em relação ao outro (ibid: 105). Através da conceituação da autora, podemos deduzir que nesse ambiente de trabalho analisado, o qual serve para nós como modelo das relações inter-pessoais em ambientes de trabalho na cultura brasileira, que o tipo de relação entre colegas de trabalho numa cultura como a nossa vai além do que é definido por DaMatta (DaMatta, 1984, 1997) como relações próprias da rua, pois não há muita clareza sobre que tipo de relação existe entre colegas de trabalho, ou seja, o colega de trabalho é um amigo íntimo ou é apenas um conhecido?

Alguns exemplos de intimidades entre colegas de trabalho encontrados no *corpus* abrangem contato físico, exposição de detalhes da vida íntima, chefe “gente fina” quer ser tratado como “você”, é amigo ou é colega? e fofoca no ambiente de trabalho, conforme listados a seguir.

4.3.3.1

Contato físico (sem conotação sexual)

Na cultura brasileira, a incidência de toques durante interações é grande se comparada a outras culturas, conforme já apontado por estudiosos da área de interculturalismo (Harrison, 1983:20; Meyer, 2001:4; Oliveira, 2001:38,39).

Na realidade, as interações entre brasileiros incluem gesticulação abundante, pouca distância corporal, contato olhos nos olhos, além dos famosos tapinhas nas costas, aperto de mãos, abraços e beijos em inícios e encerramentos de conversas (Cf. 2.3.). Nesse sentido citamos o exemplo Ex16/D2, no qual Leda, estagiária recém-contratada, passa gel no cabelo do chefe.

Ex16/D2

Tales Você acha que eu vou de óculos? Agora que eu vou ser chefe, né? Eu vou liderar, é muita gente, é muita responsabilidade, então tem que passar uma impressão boa. Você acha que eu vou de óculos?

Leda Não, mas **eu colocaria um gelzinho no cabelo**, um gelzinho seria legal, porque você tem cabelo fofo e ninguém respeita homem adulto com cabelo fofo. **Eu tenho gel na bolsa, quer que eu passe?**

Se comparada à cultura americana, por exemplo, a cultura brasileira pode ser considerada uma cultura invasiva do espaço do outro, pois, segundo Hall, cada pessoa tem ao redor de si uma espécie de “bolha”² retrátil que separa os indivíduos uns dos outros, expandindo e recuando de acordo com diversos fatores culturais (Hall, 1998: 60-61). Tal conceito é denominado por Wierzbicka como “privacidade”³ (Wierzbicka, 1985: 164-165) e significa que cada indivíduo tem ao redor de si uma barreira ou muro que o separa dos outros ao seu redor.

No Brasil, os conceitos de “bolha” e de “privacidade” delineados pelos autores acima podem ser mal-interpretados como falta de consideração, uma vez que o silêncio e a falta de contato visual e físico durante interações não fazem parte do padrão interacional praticado pelo brasileiro (Oliveira, 2001: 38).

4.3.3.2

Exposição de detalhes da vida íntima

Para o brasileiro, o trabalho serve apenas como uma extensão da vida íntima e familiar, sendo a família mais importante que o trabalho, sempre (Oliveira, 2001:20). Nesse ambiente analisado, os personagens muitas vezes tratam de assuntos íntimos no ambiente

² “Each person has around him or her an invisible bubble of space which expands and contracts depending on a number of things” (Hall, 1993:60,61).

³ “It is assumed that every individual would want, so to speak, to have a little wall around him/ her” (Wierzbicka, 1985: 164).

de trabalho como se estivessem em “casa”, trazendo à tona tópicos que remetem a problemas de ordem sexual e amorosa. Conforme encontramos em Ex17/34 abaixo, no qual Tales confidencia a Caio, seu subordinado, seus problemas sexuais.

Ex17/34

Tales É, porque eu tou no auge da minha energia sexual, né? E **por motivos que eu acho que eu não deveria falar eu tou há sete meses sem transar**, né? Então você sabe que eu tou numa situação que a qualquer momento, num fichário desse assim, num cantinho, é capaz de...

É nesse ambiente descontraído que Anete conta aos colegas sobre as preferências sexuais de seu ex-marido, conforme Ex18/D5, a seguir.

Ex18/D5

Moira Mas o que que, puxa-saca significa fazer tudo para agradar a outra pessoa? O homem, **o homem gosta que puxem?**

Caio Eu não, tem gente que gosta, **eu prefiro que deixem o meu sossegado lá, sem mexer.**

Anete **Zé Luís, meu segundo marido, gostava que desse uns petelecos** ((todos riem)).

Além de outros exemplos que incluem: Leda confidencia a Tales que foi assediada por um deputado no seu antigo emprego (Cf. diálogo 3); Anete conta a Tales que foi molestada sexualmente no ônibus (Cf. diálogo 29); Leda descrevendo para o chefe o corpo de sua sobrinha, ao mesmo tempo em que se compara a ela (Cf. diálogo 35).

Portanto, uma vez que na cultura brasileira os assuntos de ordem pessoal e familiar são vetados no ambiente de trabalho (Harrison, 1983:77), ficando, portanto, restritos ao espaço representado pela casa, o fato de os personagens em *Os Aspones* trazerem sempre temas dessa natureza à tona indica uma preferência pelos padrões interacionais da casa na rua, ou,

como é a nossa proposição nesse trabalho, tal fato aponta para a existência de mais um espaço limítrofe.

4.3.3.3

Chefe “gente fina” quer ser tratado como “você”

Conforme salientado por Oliveira (Oliveira, 2001:17), a sociedade brasileira é baseada em relações de desigualdade, sendo altamente hierarquizada. DaMatta abordou o tema da hierarquização na sociedade brasileira, refletindo que tal modelo de relações sociais foi transplantado de Portugal para cá, quando da colonização (DaMatta, 1987: 65).

Ainda segundo o autor, em um sistema de desigualdades tão arraigadas, as relações estabelecidas são fundamentais, relações possíveis em qualquer nível, até mesmo entre empregados e patrões (ibid: 75). Por isso a necessidade de se sentir em casa e não na rua, pois estar na rua significa não ter relações, ou seja, não ter identidade (DaMatta, 1997:53-59). As relações só são possíveis, pois, na casa brasileira.

Nos dados analisados encontramos um chefe que se autodenomina “gente fina” por exigir ser tratado como “você” e “como um igual” e não como senhor por seus funcionários (Cf. diálogos 7 e 8). Na verdade esse pedido funciona como uma maneira de estabelecer as relações no ambiente de trabalho. Citamos a seguir Ex19/D9, no qual o chefe assina um memorando de uma maneira que fique “pessoal e oficial ao mesmo tempo”.

Ex19/D9

Leda ((Datilografando um memorando)) Você vai querer assinar o seu nome ou "a diretoria"?

Tales eu vou assinar o meu nome completo, mas só com a inicial do meu nome do meio, porque eu acho que fica pessoal e oficial ao mesmo tempo.

Através dessa reivindicação por uma suposta igualdade o chefe tenta estabelecer relações de amizade com seus novos subordinados, numa tentativa clara de não ser rejeitado ou sucumbir na sua nova função.

4.3.3.4

É amigo ou é colega?

Existe uma tendência, na cultura brasileira, por serem usadas nas interações formas de tratamento que denotam maior intimidade (Oliveira, 2001:45). Assim, relações de maior distanciamento, como as de trabalho ou entre vizinhos, normalmente são definidas em termos mais íntimos e afetivos.

Segundo definição do dicionário Houaiss, enquanto a relação entre “colegas” implica pertencer a uma mesma corporação, comunidade ou profissão, a relação de “amizade” requer demonstração de afeto, companheirismo e amor (Houaiss, 2005).

No ambiente de trabalho representado nos dados analisados, encontramos um exemplo de ambigüidade nas relações entre colegas de trabalho, no episódio em que Tales refere-se à Moira como “amiguinha” de Anete e Caio. Ao defender Moira, Anete refere-se à sua suposta amiga como “colega”. Encontramos nesse fragmento a delicada relação entre colegas de trabalho, pois não há clareza sobre que tipo de relação realmente existe entre colegas de trabalho. Podemos observar isso em Ex20/13 abaixo.

Ex20/13

Tales Achei bom, achei bom. Eles também acharam, tão com esse climão. Gente, vamos soltar aqui, tamos aqui juntos aqui, aqui é pra isso. Utilizou bem o humor, a gente relaxou. Agora **aquela amiguinha de vocês**, aquela lá, aquela meio esquisitona, aquela que se acha meio engraçada, que tá atrasada, uma hora tem dedução de verba aqui...

Anete Olha, pra você não ficar pensando que aqui a gente tira o tapete um do outro, como nas outras repartições, eu vou ser obrigada a defender **a minha colega**.

É muito comum, na cultura brasileira, encontrarmos esse tipo de confusão, ou seja: o colega de trabalho é amigo? E o vizinho? As relações tendem a ser tornadas mais informais, independente de os envolvidos realmente usufruírem o tipo de relação que a nomenclatura implica, uma vez que, conforme salientado por Meyer (Meyer, 2001:7) o brasileiro faz amigos no ambiente de trabalho. Como já citado na seção 2.2.4. “informalidade”, o brasileiro prefere tratar e ser tratado de maneira mais informal: a professora é “tia”, o colega vira “amigo” e assim por diante.

4.3.3.5

Fofoca no ambiente de trabalho

Como já citado no tópico diretividade (Cf.2.2.1.) o brasileiro evita ao máximo possível o confronto em interações, em nome da harmonia conversacional (Wierzbicka, 1991:92). A fofoca seria, então, uma maneira de falar o que se pensa sobre alguém “pelas costas”, como se diz popularmente.

Nesse aspecto o nome do departamento já revela a sua função: FMDO, ou Falar Mal Dos Outros. No exemplo Ex21/D17, o superior de Tales, Doutor Góes, revela que falar mal da vida alheia é o “verdadeiro esporte nacional”.

Ex21/D17

Tales Dr. Góes, aquilo é um antro de fofoca, todo mundo fala mal dos outros o dia inteiro...

D. Góes Igual a qualquer outro escritório no Brasil. **Falar mal dos outros é o grande e verdadeiro esporte nacional, não sabia?** Você está sendo extremamente preconceituoso contra o esporte nacional que é falar mal da vida alheia. É através dessa esculhambação que a humanidade vai evoluindo. Evolua você também, Teles. E Teles, fale mal dos outros, menos de mim.

Na verdade, falar mal de uma pessoa “pelas costas” é uma maneira de dizer o que se pensa sobre alguém sem que a pessoa ofendida saiba a origem do boato, verdadeiro ou não, pois a

fofoca é algo que se pretende anônimo. Tal comportamento está de acordo com o padrão interacional praticado pelo brasileiro, uma vez que o brasileiro preza pela indiretividade em prol da harmonia conversacional. Portanto, falar mal de alguém sem que essa pessoa saiba de quem partiu o boato serve como válvula de escape para frustrações ao mesmo tempo que mantém o “fofoqueiro” ou “dedo-duro” numa situação confortável de anonimato, uma vez que muito embora a fofoca seja amplamente praticada na sociedade brasileira, ela não goza de boa reputação. E é exatamente isso que percebemos no exemplo Ex22/D39:

Ex22/D39

Tales Olha aqui, eu vou te falar uma coisa. No Brasil agente perdoa corrupto, perdoa assassino, agora **tem um tipo de gente que brasileiro não perdoa, sabe qual?**

Moira O argentino.

Tales Não, **é o dedo-duro.**

4.4

Expressões verbais

Encontramos no *corpus* analisado uma grande variedade de expressões lingüísticas que remetem a um grau de formalismo da língua caracterizado como mais frouxo e informal, representado através de expressões coloquiais e gírias, além de linguagem chula e palavrões aparecendo com bastante incidência.

Se levarmos em consideração os níveis de formalismo da língua falada, delineados por Travaglia (Travaglia, 1998: 54-55), constatamos que a linguagem própria de ambientes de trabalho, por sua característica de ser mais técnica e rebuscada, aponta para uma preferência pelos níveis formal e coloquial. Por outro lado, o que encontramos na realidade brasileira é uma preferência pelos níveis casual e familiar, os quais denotam uma total integração entre falante e ouvinte, próprios de relações de maior proximidade (Cf.2.2.4.) e afetividade (Cf.2.3.).

4.4.1

Coloquialismos

Tanto no *corpus* analisado, quanto na realidade social brasileira, o uso de gírias e expressões de intimidade é grande, caracterizando um tipo de relação que vai além de um mero contato de trabalho.

Encontramos expressões coloquiais e gírias com bastante frequência na fala dos personagens, como exemplo citamos a expressão “puxar o tapete”, contida em Ex23/D6.

Ex23/D6

Tales Esse funcionalismo tá um antro de víboras, aposto que eles tão conspirando ali pra **puxar o meu tapete**.

Além dos níveis de formalismo, o registro pode ainda ser classificado de acordo com a dimensão de sintonia (Travaglia, 1998:56) subdividida em quatro dimensões: a tecnicidade, a norma, o *status* e a cortesia. De interesse nessa análise das expressões coloquiais encontradas no *corpus*, podemos citar o *status* e a cortesia. Vejamos o exemplo Ex24/D9, no qual a estagiária referindo-se ao chefe chama-o de “fofo”.

Ex24/D9

Leda Não, esse é o pequeno príncipe, **fofo**. Esse aqui é o príncipe, Maquiavel.

O uso da expressão “fofo” para se referir a um superior hierárquico parece bastante inadequado ao contexto, uma vez que o chefe tem um *status* mais elevado que a estagiária e merece ser tratado com maior dignidade, ou cortesia. Expressões desse tipo seriam mais aceitáveis no espaço da casa, onde todos são iguais e não há necessidade de demonstração de deferência (Cf.2.4.) pelos interlocutores.

O *corpus* ainda apresenta outras expressões coloquiais que incluem: “puxa-saco” e “bajular” (Cf. diálogo 4); “vem cá” (diálogo 8); “dar esporro” e “climão” (Cf. diálogo 13); “ali rola” (Cf. diálogo 14); “tá rolando uma boataria” (Cf. diálogo 15); “teu nome tá na lama” (Cf. diálogo 16); “esculhambação” (Cf. diálogo 17); “meu bem” (Cf. diálogos 14 e 30); “culpa no cartório” (Cf. diálogo 20); “ser pego com a boca na botija” (Cf. diálogo 31); “mulherão” (Cf. diálogo 34); “tá me grilando”, “deixa quieto”, “taradões”, “gatinha” e “emburacar” (Cf. diálogo 35); “tavam de coisa” e “saquei qual é a dela” (Cf. diálogo 36); “dedo-duro” (Cf. diálogo 39); “que piração” e “pegação” (Cf. diálogo 41); “a mulherada pira” e “liberar o goró” (Cf. diálogo 43).

Percebemos, então, que através do vasto uso de gírias e expressões coloquiais os interactantes criam uma atmosfera menos rígida, diferentemente do que era de se esperar de um ambiente de trabalho, abrindo espaço para interações que apontam para o mundo da casa e suas relações de igualdade e afetividade. As expressões coloquiais e gírias funcionam, pois, como desencadeadores de um espaço limítrofe no ambiente de trabalho analisado.

4.4.2

Linguagem chula

Em vários momentos críticos vemos os personagens apelando para o uso dos palavrões, quer seja para enfatizar algum ponto, fazer piada ou lidar com o conflito (Cf.4.1.4.).

Encontramos, no *corpus* desse trabalho, várias expressões linguísticas de “baixo calão” usadas indiscriminadamente por brasileiros, tanto em relações pessoais, ou características da “casa” de DaMatta, quanto em ambientes mais, digamos, hostis, como a “rua”, ou no caso em questão, o ambiente de trabalho. Segue um exemplário das expressões chulas ou baixarias (Cf. diálogo 40) faladas pelos personagens. Interessante notar que até mesmo o tópico “baixaria” (Cf. diálogo 18) é considerado um tópico relevante para se considerar no ambiente de trabalho na análise em questão, conforme podemos constatar na fala de Tales em Ex25/D18.

Ex25/D18

Tales Olha aqui, **nada contra uma baixariazinha no trabalho**, mas sexo bizarro você guarda para a sua casa, tá bom?

Observamos também, que logo no seu primeiro dia como estagiária., Leda, ao conversar com o chefe, refere-se a sua concorrente pela vaga como “vagabundinha”, conforme Ex26/D1 abaixo.

Ex26/D1

Leda Não, Fontes. Eu sou afilhada dele e:: ele trabalhou como chefe de gabinete do doutor Léo. Quer dizer, na verdade eu ia trabalhar na recepção, mas aí **passaram uma vagabundinha mais nova na minha frente** ((risos)). Eu tou começando hoje aqui como sua estagiária.

Um outro exemplo inclui o seminário organizado pelo chefe do FMDO, no qual um dos tópicos discutidos é o “cagaço” que um “babaca escroto” (Cf. diálogo 20) sente ao receber uma carta oficial de um órgão público, conforme vemos em Ex27/D20, léxico que obviamente não deveria fazer parte da pauta de reuniões de um ambiente de trabalho.

Ex27/D20

Tales Muito bom, muito bom. Gente, esse é um ponto fundamental. Nós não vamos falar mal dos outros com ódio no nosso coração. Muito pelo contrário, nós amamos tanto esses cidadãos que nós queremos que eles se transformem em pessoas melhores. E o primeiro cidadão que nós amamos tanto assim é esse **babaca escroto** que tá aqui. Ele tem o hábito de seguir ambulâncias que passam pela rua, para levar vantagem no trânsito e a qualquer momento deve estar recebendo uma carta nossa convocando ele para vir aqui tratar de um assunto confidencial urgente. Para entender o que se passa na cabeça de um cidadão que recebe uma carta oficial desse tipo, eu pedi a Anete, que trabalhou durante quatro anos atendendo contribuintes que eram convocados na receita

federal, para preparar também a sua transparência explicativa.

Anete Bem, tecnicamente falando, o efeito de receber uma carta desse tipo é chamado de cagaço. **O cagaço é uma dor de barriga sem cura, uma vez que não indica presença de cocô na portinha e sim a presença de culpa no cartório.** O cidadão desconhecendo, não sabendo o que é o FMDO, começa a repassar mentalmente todas as coisas erradas que fez na sua vida, caindo assim, num processo de encagaçamento galopante.

Vemos nesse exemplo que o elemento humorístico é o gatilho para a mudança do enfoque da rua para o da casa, revelando, assim, o espaço limítrofe. Conforme já mencionado anteriormente, o riso é usado para modificar expressões verbais ou atitudes e pode ajudar a lidar com ambigüidades e tensão (Adelsward, 1989: 108), enunciado que é confirmado por Tales, quando esse diz que o humor ajuda a relaxar as tensões no ambiente de trabalho (Cf. diálogo 13). Portanto, vemos a utilização de expressões chulas, de duplo sentido, como uma tentativa de criar uma atmosfera mais “relaxada” no ambiente de trabalho, funcionando, assim, como um espaço limítrofe de transposição dos padrões interacionais da casa para a rua.

Outras expressões chulas encontradas no corpus incluem “cair de boca” (Cf. diálogo 6); “pensar sacanagem” (Cf. diálogos 12 e 19); “carreirista” (Cf. diálogo 14); “cocô na portinha” (diálogo 20); “transar” (Cf. diálogos 23 e 25); “passar um fax pra Boston” (Cf. diálogo 26); “pessoa escrota”, “grudador de meleca” e “colocador de troço pra fora” (diálogo 27); “cocoção” (diálogo 28); “na bunda” (diálogo 29); “cheiro de bunda azeda” (diálogo 30); “passaralho” (Cf. diálogo 33); “tirar as teias de aranha”, “estar de quatro” e “revistas de sacanagem” (diálogo 34); “a bunda dela explode” (Cf. diálogo 35); “cacete” e “pum de camelo” (Cf. diálogo 36); “levar na traseira” e “passinho de veado” (Cf. diálogo 37); “isso ferra você” (Cf. diálogo 38); “tá com trinta e cacetada” (Cf. diálogo 39); “vagabunda”, “cretina”, “mulher escrota”, “filha da puta” e “vou te enfiar a porrada” (Cf. diálogo 40) “mão naquilo e aquilo na mão” (Cf. diálogo 41) e “comer gente” (Cf. diálogo 43).

4.5

Conclusões parciais

Conforme podemos observar, após a análise do *corpus* obtido através da transcrição dos diálogos do seriado *Os Aspones*, o ambiente de trabalho representado pelo FMDO admite uma grande variedade de espaços limítrofes, desde os espaços físicos propriamente ditos, passando pelos eventos, relações inter-pessoais e expressões verbais. Através do levantamento desses espaços limítrofes constatamos que o brasileiro revela uma preferência por relações que denotam maior intimidade e familiaridade, características da casa, em detrimento de relações mais distanciadas, como as representadas pelas relações características da rua.

4.5.1

Espaços físicos

Dentre os espaços físicos encontrados no *corpus*, o cantinho do café é o mais flagrante como limítrofe, pois tal espaço é selecionado pelos interactantes como espaço de mediação entre as relações de trabalho e as relações pessoais. O próprio uso dos termos “cantinho” e “probleminha” indica uma relação de afeto e emotividade, representada pela terminação -inho, de diminutivo (Holanda, 1995:148).

O banheiro também aparece como espaço limítrofe, uma vez que é nesse espaço que os funcionários fazem “fofoca” sobre a vida alheia, além de servir como palco para relações extraconjugais ou “casos” entre os funcionários.

No carro, o chefe e sua estagiária abordam assuntos que invariavelmente têm conotação sexual, e é nesse mesmo carro que os dois acabam indo parar em um motel para, finalmente, consumir o ato de ter um “caso”, isso em pleno horário do expediente (Cf. diálogo 35).

O quadro de avisos funciona como um painel oficial de duplo sentido, pois os memorandos afixados ali têm sempre um significado literal e outro implícito (Borges, 35,36), invariavelmente de natureza sexual.

4.5.2

Eventos

Dentre os eventos listados no *corpus* encontramos as reuniões, eventos e *workshops* como eventos de trabalho que tratam de assuntos pouco condizentes com um ambiente de trabalho sério. Tópicos como “abuso sexual”, “falar mal dos outros” e “seminário motivacional como se xingar *workshop*” são abordados nesses eventos limítrofes no ambiente de trabalho analisado. É digno de nota que tais eventos são sempre precedidos pelos memorandos de duplo sentido citados anteriormente.

O almoço entre colegas de trabalho aparece como evento propício para se falar da vida alheia, especialmente da vida do chefe, sendo tal tópico o mais atraente para os funcionários do FMDO.

E finalmente, a festa de fim de ano, confraternização bastante comum na cultura brasileira, aparece como oportunidade para beber demais e “perder a linha” (Cf. diálogo 43). Nessas ocasiões os funcionários são mais sinceros do que o usual e acabam criando situações embaraçosas para si mesmos e para seus colegas de trabalho.

4.5.3

Relações inter-pessoais

O campo das relações inter-pessoais surge como um campo fértil para o aparecimento de espaços limítrofes nos dados analisados, uma vez que engloba uma gama bastante variada de relações entre colegas de trabalho que são transposições das relações da casa para a rua.

O “jeitinho” e o “sabe com quem está falando?” surgem como alternativas para relacionar o “pode” com o “não pode”, pois servem para nivelar as desigualdades existentes no mundo da rua na sociedade brasileira, altamente hierarquizada. Como contraponto às relações estabelecidas por esses dois modos de navegação social, aparece o “caxias”, indivíduo “certinho” e cumpridor rígido das leis, logo, um perpetuador dos relacionamentos da rua de DaMatta.

Ainda no âmbito das relações inter-pessoais temos representadas, no *corpus*, as relações extra-conjugais em ambientes de trabalho. Tais relações são ambíguas, uma vez que não podem ser definidas em termos de relações de trabalho, nem em termos de relações familiares estáveis, logo, são limítrofes por natureza.

O excesso de intimidade (Cf. 2.2.3.) entre colegas de trabalho vem representado de diversas formas, como por exemplo, a presença de contato físico entre colegas de trabalho, a exposição de detalhes da vida íntima para estranhos, a tentativa do chefe de redução da distância entre si e seus funcionários, a ambígua relação existente entre colegas de trabalho e a prática da fofoca no ambiente de trabalho.

Tais indícios de intimidade podem ser constatados através da ampla existência de contato físico entre colegas de trabalho, nesse caso sem conotação sexual, uma vez que, na cultura brasileira, a presença de linguagem corporal nas interações é algo bastante comum, logo, toques, abraços, apertos de mão, olhares diretos e beijos aparecem como indícios da emotividade e afetividade do brasileiro (Cf.2.3.).

A intimidade também é expressa pela exposição de detalhes da vida íntima no ambiente de trabalho, algo que, na cultura brasileira, costuma ser reservado aos familiares e amigos íntimos (Harrison, 1983:77).

A tentativa do chefe de reduzir a distância entre si e seus funcionários também aparece como indício de excesso de intimidade no ambiente de trabalho representado no *corpus*, uma vez que a sociedade brasileira é altamente hierarquizada. Nos diálogos analisados, o

chefe prefere ser chamado de “você” (Cf. diálogo 7), se auto-intitula “gente fina” (Cf. diálogo 8) , além de querer soar “pessoal e oficial ao mesmo tempo” (Cf. diálogo 9).

A ambígua relação entre colegas de trabalho e amigos é retratada nesse contexto também, uma vez que existe na cultura brasileira uma certa confusão sobre quem é amigo e quem é colega. Nesse ambiente representado, ora os colegas de trabalho se chamam de amigos, ora se chamam de colegas, algo que nos parece um indício de uma relação limítrofe, uma vez que a transformação de um mero colega de trabalho em amigo denota a transposição das relações da casa para a rua.

A fofoca no ambiente de trabalho denota uma afirmação do padrão interacional da indiretividade (Cf. 2.2.1.) praticado pelo brasileiro, uma vez que a fofoca ou “falar pelas costas” é algo que se pretende anônimo e, portanto, não traz graves conseqüências para a harmonia conversacional, uma vez que a sinceridade funciona como obstáculo para a harmonia.

4.5.4

Expressões verbais

As expressões verbais contidas no *corpus* analisado consistem não somente de coloquialismos e gírias, mas também de linguagem chula e palavrões. Consideramos tais expressões como marcadoras de espaços limítrofes, pois dentro dos níveis de formalismo da língua, conforme delineados por Travaglia (Travaglia, 1998: 54-56), não constituem uma linguagem própria para ambientes de trabalho, antes são mais apropriadas para relações entre amigos e familiares, ou seja, são expressões características da casa levadas para a rua.